

ZENÃO DE ELÉIA, DISCÍPULO DE PARMENIDES: UM ESBOÇO

Osvaldino Marra Rodrigues*

Resumo: O objetivo primário deste artigo é explicar alguns argumentos pelos quais Zenão explora certos problemas ontológicos em defesa das teses de Parmênides. Para Zenão e Parmênides os sentidos não constituem instrumentos adequados para o conhecimento verdadeiro e a mera opinião não pode ser o critério para a verdade.

Palavras-chave: Parmênides, Zenão, Ontologia, Metafísica, Verdade, História da Filosofia Antiga.

(ZENO OF ELEA, DISCIPLE OF PARMENIDES: A SKETCH)

Abstract: The elementary objective of this paper is to explain some arguments for which Zeno explores certain ontological problems in defense of the Parmenides theories. For Zeno and Parmenides the senses do not constitute instruments able for the true knowledge, and the mere opinion it cannot be the criterion for the truth.

Keywords: Parmenides, Zeno, Ontology, Metaphysic, Truth, History of Ancient Philosophy.

Intróito

Parmênides pode ser considerado o pai da ontologia e da metafísica na história da Filosofia, pois a noção de Ser, tal como posteriormente vista na tradição, foi por ele colocada pela primeira vez. Por conseguinte, o eleata encontra-se na raiz da filosofia e também no problema da verdade¹:

O passo inaugural da metafísica e a audaz entrada do pensador eleata no mundo do inteligível puro revelou-o dotado de propriedades que o distinguem radicalmente do sensível. O inteligível na sua primeira manifestação ao pensamento só pode ser pensado como Ser absoluto: o absolutamente *um*, o que significa imediatamente a sua *identidade* com o próprio pensamento.²

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista Capes. Endereço eletrônico: dinomarra@gmail.com.

¹ Cf.: Giovanni CASERTANO, A cidade, o verdadeiro e o falso em Parmênides, p. 312.

² Lima VAZ, Raízes da modernidade, p. 275.

Embora a aplicação do conceito de Ontologia seja um anacronismo em relação a Parmênides, pois a palavra foi cunhada no século XVII por R. Goclenius³, poderia receber uma formulação em três monossilábicos, resumidos à pergunta: *O que há?* Em outras palavras, a Ontologia é um discurso conceitual que visa à compreensão do que existe na totalidade, tanto as características do que existe quanto as causas e os princípios da existência do todo. Tendo em vista essa perspectiva, Zenão de Eléia procura defender e aprofundar as teses em relação aos intrincados problemas ontológicos legados por seu mestre, Parmênides.

1. Parmênides de Eléia

Parmênides nasceu na *polis* Eléia, colônia grega fundada pelos focueus e situada ao sul da península itálica, provavelmente entre os anos de 515 – 510 a.C⁴. Além de político, outra hipótese é a de que o filósofo teria sido médico: achados arqueológicos em Vélia, nome dado a Eléia no período romano e conservado até hoje, comprovariam a memória a Parmênides no período romano de uma escola de medicina local⁵.

Quanto ao testemunho de Platão, Sócrates teria conhecido pessoalmente Parmênides: “Na verdade, encontrei-me com o homem quando eu era muito novo e ele muito velho, e pareceu-me que tinha a profundidade de uma grande raça.”⁶ Ainda conforme o testemunho de Platão, Sócrates teria afirmado que, provavelmente “não compreendamos as suas palavras e que em muito nos ultrapasse o que pensava”⁷, querendo indicar com isso que as teses parmenidianas estariam ultrapassadas. O mesmo testemunho é encontrado em outro diálogo de Platão, intitulado *Parmênides*: “Sócrates nessa época era bastante jovem.”⁸ Em que pese o testemunho, dificilmente o encontro tenha ocorrido, embora sob o aspecto cronológico não seja de todo implausível.

De acordo com a tradição de fontes antigas, Parmênides teria elaborado quatro consideráveis avanços científicos à época⁹:

³ Cf. Susana de CASTRO, *Ontologia*, p. 7.

⁴ Cf. G. S. KIRK, J. E. RAVEN, *Os filósofos pré-socráticos*, p. 270. Doravante KR (§ indica o testemunho; p. indica a página na qual se encontra o comentário dos organizadores do livro).

⁵ Sobre o assunto, cf: Kingsley, *Parmenides and the Orignes of Western Thought – An Interview with Peter Kingsley*, 1999; Fernandes, *Peter Kingsley. In the Dark Places of Wisdom*, 2000.

⁶ Teeteto, 183 e – 184a.

⁷ Ibid.

⁸ *Parmênides*, 127 c.

⁹ Sobre as hipóteses e os testemunhos sustentados pela doxografia, cf.: Casertano, *op. cit.*, p. 319

- A – a terra é dividida em cinco zonas, delimitadas pelos dois trópicos e pelos círculos Ártico e Antártico;
- B – a terra é esférica;
- C – a lua recebe sua luz do sol;
- D – a estrela vespertina e a matutina seriam o mesmo planeta.

Além disso, os sistemas filosóficos e científicos que postulam princípios de conservação (de substância, matéria, matéria-energia) podem ser considerados herdeiros dos princípios postulados por Parmênides, admitida a hipótese que “para Parmênides o uno-todo é precisamente ingênito, indestrutível, compacto, contínuo, homogêneo (B8), enquanto ‘as coisas que são’, os fenômenos particulares, nascem e terão um fim (B19)”¹⁰. Sobre o assunto, ainda argumenta Casertano:

[...] Parmênides pensou o cosmo segundo o paradigma da continuidade: à descontinuidade de uma realidade composta e estruturada por números-unidades, sustentada pelas antigas doutrinas pitagóricas, ele contrapõe uma concepção do cosmo que tem as características do *oulomelés* do *hen* e do *synechés*, isto é, da compacidade, da unidade e da continuidade. A importância dessa polêmica, que nasce na Grécia de 2500 anos atrás, a polêmica acerca do *continuum-discretum* que opunha na Antigüidade Parmênides aos Pitagóricos, torna-se evidente se pensarmos no fato de que, ainda hoje, as discussões entre os que sustentam teorias ondulatórias e os que sustentam teorias corpusculares não parecem ter encontrado um acordo definitivo; basta mencionar os grandes nomes de Planck, de De Broglie, de Einstein, de Heisenberg ou de Schrödinger.¹¹

O pensamento de Parmênides foi preservado apenas num único poema, “Sobre a Natureza”, do qual não temos acesso em sua forma integral, mas apenas aos 160 versos conservados pela doxografia.

Originalmente, o poema atribuído a Parmênides seria, provavelmente, dividido em duas partes: a primeira, um tratado do Ser e a segunda, da física ou sistema do mundo. No poema a ênfase recai sobre os problemas relacionados ao Ser e aos princípios quanto ao conhecimento verdadeiro, dado que Parmênides estabelece uma distinção entre a verdade

¹⁰ Casertano, op. cit., p. 314. Quanto às citações de Parmênides, cf. Gerd BORNHEIM, Os Filósofos Pré-Socráticos, pp., 55-57 e 58.

¹¹ Casertano, op. cit., p. 311.

(*aletheia*) e aparência (*doxa*). De acordo com o poema, a razão, pela primeira vez denominada *Logos*, nos conduziria à verdade, enquanto os dados obtidos pelos sentidos, à aparência, em outras palavras, ao engano. Estas são as duas vias do Ser; a do não-Ser seria uma terceira, mas é inacessível, dirá a deusa:

Porque nunca isto será demonstrado, que as coisas que não são, existem; mas tu afastas o pensamento desta via de investigação, não vá o costume, gerando de muita experiência, forçar-te a deixar vagar por esta senda o olhar incerto, o ouvido onde ecoam sons ou a tua língua; mas tu julgas com a razão a prova muito contestada de que falei.¹²

A deusa que dita a Parmênides as palavras de Sabedoria, o esclarece:

[...] dir-te-ei – e tu escutas e leva as minhas palavras. Os únicos caminhos da investigação em que se pode pensar: um, o caminho que é e não pode não ser, é a via da Persuasão, pois acompanha a verdade; o outro, o que não é e é forçoso que não exista, esse, digo-te, é um caminho totalmente impensável. Pois não poderás conhecer o que não é (isso é impossível), nem declará-lo, pois a mesma coisa tanto pode ser pensada como pode existir.¹³

2. Zenão de Eléia

Discípulo mais conhecido de Parmênides, Zenão também nasceu em Eléia, provavelmente por volta de 489 a.C. De sua vida sabe-se pouquíssimo: que seu pai seria Teleutágoras, que teria passado toda a sua vida na sua cidade natal; que teria participado de uma conspiração contra um tirano; que ficou conhecido pela coragem pela qual foi submetido a torturas, fruto dessa conspiração¹⁴; que desprezava Atenas e que teria escrito um único livro.

Pelos pósteros é conhecido, sobretudo, por seus intrincados argumentos sobre o paradoxo do movimento, melhor: sobre a ilusão do mesmo. Conforme o testemunho de Platão, os problemas elaborados por Zenão têm uma relação direta na defesa das teses de Parmênides:

[...] esses escritos prestam uma assistência ao argumento de Parmênides contra os que tentam caricaturá-lo, <dizendo que>, se o *um* é, resulta para o argumento ser afetado por coisas múltiplas e ridículas, e mesmo contrário e ele próprio. Assim sendo, esse escrito contesta os que dizem <haver> o múltiplo, e lhes devolve na mesma moeda, com juro, ao querer demonstrar que a hipótese deles, de que há múltiplas coisas, seria afetada por coisas

¹² KR, § 346.

¹³ KR, § 344.

¹⁴ Cf. John BURNET, *A aurora da filosofia grega*, pp. 329-330.

ainda mais ridículas do que <a hipótese> de que *um* é, se elas fossem desenvolvidas suficientemente.¹⁵

Várias referências sobre Zenão encontram-se na obra de Platão. Aqui destacamos uma, quando Sócrates teria afirmado, comparando Zenão ao lendário inventor da aritmética: “Não sabemos que o Palamedes eleático falava com tanta arte que a mesma coisa parecia aos seus ouvidos semelhantes e dessemelhantes, unidade e diversidade, imóvel e em movimento?”¹⁶

Também pela doxografia platônica sabe-se, resumidamente, do tema do único tratado que teria sido escrito por Zenão (embora, provavelmente, também o encontro de Zenão com Sócrates não tivesse efetivamente ocorrido):

[...] – que queres dizer com isso, Zenão? Que, se os seres são múltiplos, então é necessário que eles sejam tanto semelhantes quanto dessemelhantes, mas que isso é impossível, pois nem as coisas dessemelhantes podem ser semelhantes nem as semelhantes, dessemelhantes? Não é isso que queres dizer? – É isso mesmo, disse Zenão. – Então, se é impossível as coisas dessemelhantes serem semelhantes, é também impossível haver múltiplas coisas, não é? Pois, se houvesse múltiplas coisas, seriam afetadas pelo que é impossível. Será isso que querem dizer teus argumentos: não outra coisa senão sustentar decididamente, contra tudo o que se afirma, que não há múltiplas coisas? E disso mesmo crês ser prova para ti cada um dos argumentos, de sorte que também acreditas apresentar tantas provas de não há múltiplas coisas quantos argumentos escreveste? É isso que queres dizer, ou não estou entendendo direito? – Ao contrário, disse Zenão, compreendeste muito bem o que, no todo, o escrito visa.¹⁷

2.1. A dialética enquanto instrumento da razão.

Conforme estudiosos, o método utilizado por Sócrates, o *elenchus*,¹⁸ oriundo da dialética, inicialmente vinculada à política proverbia de Parmênides e de Zenão. A dialética era um instrumento da *ágora* e sua aplicação visava ao propósito de vencer as disputas públicas e derrotar publicamente o adversário. Enquanto método, a dialética atingiu a maturidade com os sofistas, filósofos itinerantes e livres, sobretudo com a *antiologia*, um recurso discursivo que sustenta simultaneamente teses opostas ensinadas àqueles que procuravam destaque no espaço público e que precisavam, portanto, combater as oposições sustentadas pelos adversários com o intuito de derrotá-los.

¹⁵ Parmênides, 128 c – d.

¹⁶ Fedro, 261 d.

¹⁷ Parmênides, 127 d – 128a.

¹⁸ O termo significa, em linhas gerais: questionar o que o outro afirma com vista a pôr à prova ou examinar a força ou credibilidade do que o outro diz ou afirma. Em Sócrates, o *elenchus* tinha, quase sempre, a intenção de demonstrar as confusões, contradições e outros defeitos nas posições de seus oponentes. Em Sócrates, portanto, o termo veio a significar a refutação de alguma concepção ou tese.

Cabe ressaltar que, para um antigo, a humilhação imposta pela derrota numa disputa pública era um fato insuportável para quem se dispunha ao *ágon* público. É possível, sobretudo pelo respeito devotado à memória devida a ambos, que Parmênides e Zenão nunca tenham sido derrotados numa discussão pública, num *ágon*. Giorgio Colli explica que o

[...] perfeito dialético se encarna no interrogante: ele coloca as perguntas, dirige a discussão dissimulando armadilhas fatais para o adversário, através de longos rodeios argumentativos, solicitações de anuências sobre questões óbvias e aparentemente inofensivas, que acabarão se revelando essenciais para o desenvolvimento da refutação.¹⁹

Com Zenão a dialética tornou-se um *organon*, o instrumento da razão *par excellence*, um método do pensamento, uma arte que consiste em confrontações de teses constituídas por intermédio de perguntas e respostas, procurando entre elas contradições que minam os argumentos falaciosos, ou seja, argumentos que não resistam à refutação e, por conseqüência, forem logicamente não verdadeiros ou inconsistentes. Portanto, a dialética deixou de ser uma técnica meramente política para se tornar uma teoria geral do *Logos*.

Ante os argumentos zenonianos, toda crença e convicção, religiosa ou científica, e toda racionalidade construtiva mostram-se ilusórias e inconsistentes, uma vez que qualquer objeto, sensível ou abstrato, expresso em um juízo é passivo de ser demonstrado contraditório, como ser e não ser, ao mesmo tempo possível e não possível. Esse resultado, a cada etapa obtida por meio de rigorosa argumentação, demonstra a fragilidade e até mesmo a possibilidade de ser pensável o objeto.

Por conseqüência, em sua dialética Zenão procurou, concomitantemente, demonstrar o ilusório do mundo capturado pelos sentidos e impor um novo olhar sobre as coisas que percebidas pelos sentidos, demonstrando que os movimentos observados através da sensibilidade são aparências ilusórias que não podem ser confundidas com o Ser. Em outras palavras, os movimentos percebidos pelos sentidos não podem ser compreendido senão pelo crivo da razão; caso contrário envolve contradições que levam às conclusões absurdas, resultando em *aporia*, ou seja, dificuldade de raciocínio e de argumentação que desemboca num “beco-sem-saída”.

2.2. O movimento é real? O paradoxo de Zenão.

¹⁹ Giorgio COLLI, O nascimento da filosofia, p. 68.

A experiência do movimento é, dentre os dados da sensibilidade, um dos fenômenos mais imediatos e universais no que tange à nossa experiência do mundo sensível. Mas é contra essa intuição imediata imposta pelos sentidos que Zenão elabora seus argumentos, procurando refutar, como seu mestre Parmênides, o caminho do argumento do “costume, gerado de muita experiência”²⁰.

Os argumentos mais conhecidos de Zenão, preservados, mas reformulados por Aristóteles, são aqueles que problematizam o conceito de movimento. Cabe ressaltar que o filósofo de Eléia não negou a percepção que temos do movimento, do múltiplo e da variação. Seu objetivo foi submeter os dados oriundos dos sentidos às exigências lógicas da razão, demonstrando que a experiência imediata do movimento e da multiplicidade pelos sentidos, é, aos “olhos da razão”, irracional e absurda. Em outras palavras, os argumentos propostos por Zenão afrontam a crença do senso comum (*doxa*), pois procuram defender a tese parmenidiana da imobilidade, ou imutabilidade, do Ser. Os argumentos de Zenão, para Aristóteles, revelam-se de extrema importância, dado que movimento é mudança (*kínesis*)²¹.

Deve-se, como afirmado no parágrafo acima, a Aristóteles o testemunho de quatro argumentos atribuídos a Zenão: “Zenão formulou quatro suposições sobre o movimento que produziram grande perplexidade a todos quantos intentaram resolvê-los”²². Os argumentos zenonianos elencados por Aristóteles serão expostos sucintamente a seguir, embora restritos à formulação geral, porquanto as interpretações propostas pelo estagirita são suscetíveis de múltiplas interpretações e parecem não corresponder a contento aos objetivos de Zenão.

Ressaltamos, igualmente, que a compreensão do primeiro argumento é um passo metodológico importante, porquanto conseguimos entrever nele as teses zenonianas sobre o movimento.

2.3. A dicotomia

De acordo com Aristóteles, “Segundo o primeiro o movimento é impossível, porque o que se move teria que chegar à metade antes de chegar à meta final”²³.

²⁰ KR, § 346. O argumento, aqui, é o de Parmênides.

²¹ Sobre o assunto e as diferenças entre os argumentos parmenidianos e aristotélicos, cf.: Jonathan LEAR, Aristóteles: o desejo de entender, pp. 91-148.

²² Física, VII, 9, 239 b.

²³ Física, VII, 9, 239 b.

Suponha que um corredor (C) parta do ponto (A) em direção ao ponto (B). Ao partir, terá de alcançar a metade desse mesmo percurso; em seguida a metade da metade; em seguida a metade da metade da metade, assim sucessivamente, sem nunca conseguir se movimentar em direção ao ponto (B). Este argumento é classicamente denominado *reductio ad absurdum*:

$$\begin{aligned} & A |-----C \rightarrow -----| B (A \rightarrow B) \\ & A |-----C \rightarrow A' |-----| B (A \rightarrow A' \rightarrow B) \\ & A |-----C \rightarrow A'' |-----A' |-----| B (A \rightarrow A'' \rightarrow A' \rightarrow B) \\ & A |---C \rightarrow A''' |---A'' |---A' |-----| B (A \rightarrow A''' \rightarrow A'' \rightarrow A' \rightarrow B) \end{aligned}$$

Para melhor compreender o argumento, observe as seguintes notações:

A – o espaço AB é composto por um número infinito de pontos;

B – o corredor (C) não poderá atingir o ponto B num tempo finito, já que o espaço AB é composto por um número infinito de pontos;

C – pode-se inferir que o tempo e o espaço aqui considerados são infinitamente divisíveis. Portanto, seria impossível percorrer num tempo finito um espaço pressuposto como infinitamente divisível.

2.4. Aquiles e a Tartaruga

Este paradoxo é o mais conhecido de Zenão. Assim o enuncia Aristóteles:

O segundo argumento, conhecido como ‘Aquiles’, é este: o corredor mais lento nunca poderá ser alcançado pelo mais veloz, pois o perseguidor teria que chegar primeiro ao ponto desde onde partiu o perseguido, de tal maneira que o corredor mais lento manteria sempre adiante.²⁴

Esta *aporia* objetiva demonstrar que, caso a tartaruga saísse na frente, Aquiles jamais a alcançaria. Aquiles, símbolo da velocidade, e a tartaruga, símbolo da lentidão, fazem uma corrida, tendo Aquiles dado uma vantagem à sua concorrente. Quando Aquiles parte, a tartaruga já se encontra num ponto mais avançado. Quando o herói pretende ultrapassar a tartaruga, terá de chegar ao ponto do qual ela partiu. Não obstante, a tartaruga já terá

²⁴ Física, VII, 9, 239 b.

atingido um ponto mais avançado, a que Aquiles terá de chegar, e assim sucessivamente, sem que Aquiles consiga ultrapassar a tartaruga. Para que a tartaruga seja ultrapassada, Aquiles teria de ultrapassar o infinito, o que seria impossível:

A |C''''|A''''---C''''|A''''---C''''|A''''-----C''''|A''''-----| B

O segundo argumento é mais complexo, porquanto:

A – Introduz um segundo corpo, havendo assim um movimento relativo entre dois corpos;

B – O movimento aqui considerado não é contínuo, mas uma sucessão de infinitos saltos e infinitos instantes.

2.5. A flecha disparada

Assim apresenta Aristóteles o ‘argumento da flecha’: “O terceiro, pretende que a flecha que voa está parada. Esta conclusão somente pode ser sustentada se se admite que o tempo está composto de ‘agoras’”²⁵. Neste argumento atribuído a Zenão, o paradoxo do dobro da metade do tempo, consiste na afirmação de que uma flecha disparada pelo arqueiro está em repouso contínuo. Um objeto está em repouso quando ocupa um espaço igual às suas próprias dimensões, em outras palavras: uma coisa está sempre em repouso quando ocupa um lugar idêntico a si mesmo²⁶. Desta forma, uma flecha disparada vai paulatinamente ocupando sucessivamente uma série de espaços iguais às suas dimensões, implicando que o movimento seja uma série de repousos. Sobre esse argumento, há uma aguda observação no comentário feito por Jonathan Lear – e que serve igualmente para os outros argumentos avaliados pelo estagirita:

Aristóteles, penso eu, começou pela crença de que uma flecha obviamente se move durante o curso de seu voo, crença baseada no testemunho da experiência sensorial. Aristóteles e Zenão concordam com o testemunho dos sentidos, mas diferem quanto a sua significação. Zenão, o verdadeiro seguidor de Parmênides, tomou seu argumento para mostrar que a experiência sensorial deve dar uma imagem distorcida da natureza da realidade; Aristóteles, pelo contrário, toma a experiência sensorial para

²⁵ Física, VII, 9, 239 b.

²⁶ Cf.: Albert EINSTEIN, 1999, pp. 58-61.

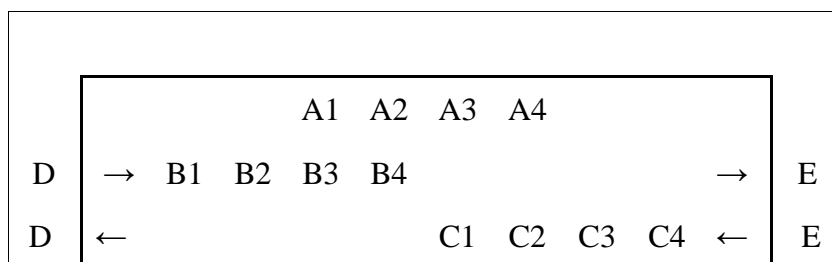
mostrar que deve haver algo de errado qualquer argumento que leve a uma conclusão tão drasticamente contrastante.²⁷

2.6. Os corpos no estádio

O quarto e último argumento de Zenão elencado e descrito por Aristóteles é, provavelmente, o mais complexo:

O quarto argumento supõe duas séries contrapostas de corpos de igual número e magnitude, dispostos desde um e outro dos extremos de um estadio até seu ponto médio, e que se movem em direção contrária à mesma velocidade. Este argumento, pensa Zenão, leva à conclusão de que a metade de um tempo é igual ao dobro desse tempo.²⁸

Observe atentamente o diagrama seguinte, elaborado, a partir de Aristóteles, com o intuito de representar uma hipotética situação inicial, no qual há três séries constituídas de igual número de corpos do mesmo tamanho, sendo que os corpos A se encontram em repouso e B e C correm, mas em direções opostas, ($B = D \rightarrow E$); ($C = D \leftarrow E$):



A = Corpos em repouso (A)

B = Corpos em movimento de D para E ($D \rightarrow E$)

C = Corpos em movimento de E para D ($D \leftarrow E$)

DE = Estádio

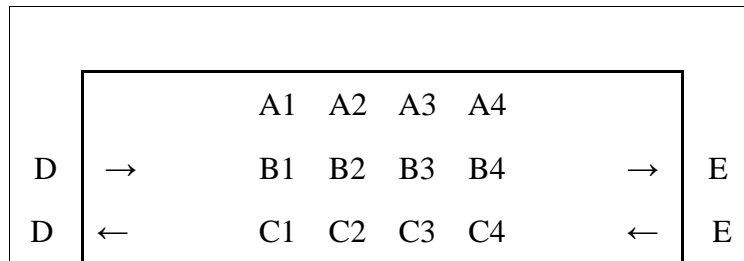
Cabe ressaltar que os corpos A, B e C são de igual tamanho. Enquanto os corpos A estão em repouso, os corpos B e C estão em movimento contrário e à mesma velocidade.

Conforme Zenão, os corpos C avançam dois A e, ao mesmo tempo, avança também quatro B. Ou seja, os corpos C, ao mesmo tempo em que avançam metade do corpo A, avançam a totalidade do corpo B. Portanto: $2A = 4B$, ou seja, a metade é igual ao seu dobro.

²⁷ Jonathan Lear, op. cit., p. 146.

²⁸ Física, VII, 239 b.

Transferindo-se estas unidades espaciais para temporais, podemos dizer que a metade do tempo é igual ao seu dobro. Ou seja, num dado momentos as três séries estarão emparelhadas e, como resultado final, teríamos o seguinte diagrama:



Enfim, podem-se destacar os esforços de Zenão em demonstrar que os conceitos referentes ao movimento apresentam-se como paradoxais ao senso comum. É freqüente a suposição que o movimento ocorre no tempo presente e está submetido a uma medida absoluta. Uma alternativa, e parece ser esse o caso de Zenão, consiste em analisar o movimento de um corpo a partir de uma posição relativa: seja suas posições anteriores e posteriores compreendidas como instantes indivisíveis; ou das posições relativas à de outros corpos em movimento. De uma forma ou de outra o movimento não é acessível à uma experiência direta e, enquanto tal, não possui os sentidos que a ele atribuímos.

2.7. – Argumentos de Zenão contra a pluralidade

A argumentação contra as teses da pluralidade feita pelo eleata foi importante porquanto, no seu tempo surgiram não apenas as concepções de movimento e de infinito (*apeiron*), como a concepção pluralista do real. Zenão vai criticar o pluralismo levando os às últimas conseqüências e demonstrando logicamente os absurdos contidos nas teses sobre as quais se fundamentavam a defesa da multiplicidade e do movimento: “Se a pluralidade existe, as coisas serão igualmente grandes e pequenas; tão grandes que serão ilimitadas (*apeira*) em tamanho, tão pequenas que não terão qualquer tamanho”²⁹.

Nesta passagem, *coisas* devem ser entendidas como conjuntos de unidades, ou seja, de corpúsculos. Se os corpúsculos não têm dimensão, as coisas, por conseqüência, deverão

²⁹ KR, § 365.

ser iguais a zero, isto é, inexistentes – o que constitui um absurdo. Se os corpúsculos, que serão ilimitados (*apeira*) em cada coisa, têm dimensão, então, neste caso, cada coisa será ilimitada. Ora, se existe um conjunto de coisas em que cada uma é ilimitada nos deparamos com o absurdo ao contemplar um mundo cheio de ilimitados. Ao que parece, esse argumento poderia ser confirmado por outro fragmento que foi considerado autêntico pelos estudiosos contemporâneos e que nos chegou intacto:

Se a pluralidade existe, as coisas têm de ser tantas quantas são, nem mais nem menos. E se são tantas quantas são, têm de ser limitada. Se a pluralidade existe, as coisas que existem são ilimitadas; pois haverá sempre outras coisas entre as coisas que existem, e ainda outras entre essas outras. E assim as coisas que existem são ilimitadas.³⁰

Resumindo, parece que os argumentos de Zenão contra a pluralidade deduzem-se sistematicamente das premissas que afirmam a pluralidade das coisas, pois:

- A) Se há muitas coisas, estas devem ser grandes e pequenas (pequenas o bastante para não terem tamanhos e tão grandes que não têm limites. Quanto a este ponto, caberia destacar um sub-argumento que emprega o princípio de “dicotomia”, ou divisão: tudo aquilo que possui tamanho pode ser dividido em duas coisas, em três, quatro etc., num processo infinito; e a redução ao infinito é logicamente absurda – em outras palavras: a unidade não possui “grandeza”;
- B) Se existe pluralidade, o total das coisas deve ser, ao mesmo tempo, limitado e ilimitado em *número*: finito porque pluralidade implica um número definido e, portanto, finito; infinito porque duas ou mais coisas requerem limites ou, generalizando, marcas distintivas: com isto iniciamos outro argumento de progressão e regressão ao infinito – também um absurdo lógico;
- C) Se há muitas coisas, devem ser simultaneamente semelhantes e dessemelhantes. Mas este é um argumento suscitado por Platão e desenvolvido, sobretudo, no seu diálogo *Parmênides*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³⁰ KR, § 366.

A Ontologia, conforme célebre formulação de Aristóteles, seria o núcleo duro, o cerne da Filosofia, o problema por excelência:

Existe uma ciência que considera o Ser enquanto Ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o Ser enquanto Ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte.³¹

Com Parmênides e Zenão o sentido do mundo seria estabelecido como uma ordem de conceitos conforme a razão: “pois o mesmo é pensar e ser”. Os conceitos, presentes na linguagem humana ordinária, constituem princípios a partir dos quais permitem um conhecimento do e orientação no mundo efetivo, dado que conformam uma unidade primária de toda forma de conhecimento, sobretudo o científico. Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVII, afirmou que não há experiência que não passe por conceitos, porquanto, embora o conhecimento comece com os sentidos, não pode ser dado por estes: “Sem a sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdos são vazios; intuições sem conceitos são cegas.”³²

A sentença parmenidiana, “pois o mesmo é pensar e ser”, é o fundamento do primeiro princípio para o conhecimento, pois implica uma lógica da não-contradição: o que pode ser pensado não pode, simultaneamente, não ser pensado e, inversamente, o não pensado não pode ser pensado; em outras palavras, o que não pode ser pensado não pode ser objeto do pensamento. É na razão que se concebe e se resolve o discernimento sobre as questões do vir-a-ser (*kínesis*).

Em Parmênides se o Ser é, não pode nascer ou perecer, transformar-se ou mover-se e nem estar sujeito às imperfeições. Em Parmênides o que é “é ingênito e imperecível existe; por ser completo, de uma só espécie, inabalável e perfeito.”³³

A mudança, ou movimento, ao contrário, é o que não é, porquanto na mudança o que é deixa de ser, o que era já não é, deixou de ser e o que será não será o que é atualmente. Na mudança, ou movimento, não há permanência e o vir-a-ser não pode ser adequadamente compreendido pelos sentidos. Pode-se compreender a mudança tão somente se há algo que permaneça e permita reconhecer o que subjaz na mudança. Para Parmênides e Zenão o

³¹ Metafísica, IV, 1, 1003a.

³² CRP, B 75.

³³ KR, § 295.

movimento percebido é, portanto, mera aparência, um aspecto superficial da realidade. Para os dois eleatas, é nessa perspectiva que os sentidos não constituem instrumentos adequados para o conhecimento verdadeiro. Por conseguinte, a mera opinião (*doxa*) não pode ser o critério para a verdade, porquanto estritamente vinculada às percepções que, em última instância, são da ordem do individual, redundando assim numa aporia, tese esta magistralmente exposta por Platão no diálogo *Teeteto*: “se a verdade é para cada um que opina através da percepção e ninguém pode julgar a experiência de outro melhor que ele, ninguém será melhor a examinar a opinião de um outro, se é correta ou falsa.”³⁴ Conseqüentemente, parece que o acesso à verdade, ao que é, deve ser procurado numa instância distinta aos sentidos.

Embora difícil admitir *prima facie* a hipótese de Aristóteles de que Parmênides teria sido “forçado a levar em conta os fenômenos”, a segunda parte da sentença parece mais plausível: “o um é conforme a razão, enquanto o múltiplo é conforme os sentidos”³⁵. Com esse testemunho, seria plausível sustentar que há uma hierarquia necessária na ordem do conhecimento, no qual a razão tem precedência sobre os sentidos. Os argumentos de Zenão tão somente corroboram essa hipótese parmenidiana, abrindo caminho para o definitivo estabelecimento da lógica – mas isso é uma outra história.

Referências bibliográficas

ARISTÓTLES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perinne. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Metafísica de Aristóteles*. Ed. trilingüe de Valentin García Yebra. 2 ed., revista. Madrid: Gredos, 1998.

_____. *Física*. Trad. Guillermo R. de Echandía. Madrid: Gredos, 1998.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

BLANC, Blanc. *Introdução à Ontologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BORNHEIM, Gerd. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1994.

³⁴ *Teeteto*, 161 d.

³⁵ *Metafísica*, I, 5, 986 b.

CASERTANO, Giovanni. A cidade, o verdadeiro e o falso em Parmênides. In: *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 48 n.116, p. 307-327, jul./dez. 2007.

CASTRO, Susana de. *Ontologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

COLLI, Giorgio, *O Nascimento da Filosofia*. Trad. Frederico Carotti. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade especial e geral*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

FERNANDES, Edrisi. Peter Kingsley. In the Dark Places of Wisdom. In: *Princípios: revista de filosofia*, Natal, v. 7, n. 8, p. 116-122, jan/dez. 2000.

HEINER, Hans, O surgimento e o significado original do nome *Metafísica*, in: ZINGANO, Marco (org.). *Sobre a metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2005

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trads. Manuelas Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. (no texto citado como CRP).

KINGSLEY, Peter. Parmenides and the Orignes of Western Thought – An Interview with Peter Kingsley. In: *Network: the Scientific and medical Network Review*, Gloucesterhire, n. 70, p. 194-196, aug. 1999.

KIRK, G.; Raven, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Trads. Carlos Alberto Louro Fonseca *et alli*. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LEAR, Jonathan. *Aristóteles: o desejo de entender*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, Robert. *An Intermediate Greek-English Lexicon*. 7 ed. New York: Oxford University Press, 1945.

MACIEL JUNIOR, Auterives. *Pré-socráticos: a invenção da razão*. São Paulo: Odysseus, 2003.

PLATÃO. *Teeteto*. Trds. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. *Parmênides*. Trads. Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Sofista. In: id. *Diálogos de Platão*. Trads. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. *Obras Completas: Hípias Mayor y Fedro*. Trad. Juan David Garcia Barca. México: Universidad Nacional de México, 1945.

VAZ, Claudio de Lima. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

Artigo recebido em 17/07/2009
Aceito em 29/09/2009